

UM CONTO DE NATAL DE  
**PAULA FEBBE**



O MELHOR PRESENTE  
DO MUNDO

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE  
**PAULA FEBBE**

# **O MELHOR PRESENTE DO MUNDO**

Ela olhou para o relógio: ia dar meia-noite. Diziam que era assim que acontecia. A partir da meia-noite tinha a chance do presente chegar.

Eram 23:59 e as luzinhas roxas, rosa e laranja da árvore piscavam a cada segundo, iluminando o rostinho esperançoso dela, cada momento mais perto do que ela queria.

Então deu meia-noite, meia-noite e um, dia inteiro de 25 de dezembro.  
E. Nada.

Já era o terceiro Natal que Celina esperava seu presente. Seu pai havia prometido que naquele ano ela finalmente o teria, mas... não veio. Não conseguia entender, afinal, havia sido exemplar, feito tudo como manda o Papai Noel, aquele velhinho que ela não conhecia, mas em quem confiava. Isso durante um ano inteiro! Dois anos inteiros! Três anos inteiros!

Tentou lembrar do que havia feito no último ano em que ganhou um presente, mas não conseguiu pensar em nada diferente. Ela se sentia a mesma, fazia as mesmas coisas, nada de estranho, pelo menos até onde via.

“Mas papai, o presente não vem?”

“Às vezes precisamos ter um ano difícil, filha.”

E ela não entendeu, pois todos os anos eram difíceis para ela, mas para ele pareciam ligeiramente mais fáceis.

“Papai, esse ano tem presente?”

“Não.”

Então, no decorrer do ano seguinte, ela começou a reparar melhor no que estava à sua volta. O quarto do pai era lindo, mas o quarto dela não tinha cama. Dormia em um colchão sujo jogado no chão. A última vez que havia tido toalhas limpas? Não lembrava. Roupas novas? Também não. Constantemente tinha fome e era frequente a barriga roncar alto enquanto ouvia o pai comer na sala. Às vezes ele cedia um pedaço de carne, que ela comia feliz. Às vezes, arroz. Pudim, que ela amava quando a mãe fazia, nunca mais tinha comido.

A própria refeição de Natal: um peru farto para o pai, purê, ervilhas, panetone, pavê, mas pão e água para ela. Ela havia tentado pedir para comer um pedaço do peru uma noite, mas a resposta foi que “ainda não era a hora”. Então ela esperou.

Mais um ano veio e o próximo Natal chegou.

Então aos seis anos, ela começou a considerar algumas coisas que não havia considerado antes. Peraí! Há três anos a mãe havia falecido e desde então um cheiro de azedo tinha consumido a casa. Não fosse três, era quase isso, e começou quando o pai enterrou um pacote bem grande no jardim. Seria aquele o seu presente? Meu Deus, como ela não havia pensado nisso antes? Então este Natal seria diferente. Este Natal seria completamente diferente!

Eram 23:59 e as luzinhas roxas, rosa e laranja da árvore piscavam a cada segundo, iluminando o rostinho esperançoso de Celina, cada momento mais perto do que ela queria.

Então deu meia-noite, meia-noite e um... três da manhã.

Tarde da noite, quando o pai estava dormindo, ela foi até o jardim e buscou na memória onde ele havia enterrado o pacote. Tinha grama alta, mas era perto da árvore, ela tinha certeza. ERA ALI! Cavou,

cavou, cavou, cavou por uma hora inteira, até achar o plástico. Ufa, o plástico! O embrulho preto que seu pai havia guardado! Ela estava certa, estava ali mesmo!

Então Celina respirou fundo, criou coragem e o rasgou.

Ao encontrar ossos, reconheceu o cabelo castanho claro:

— MÃE!

Seu pai, tão generoso, havia escondido o presente para fazê-la ainda mais feliz. A escavação havia sido uma caça ao tesouro, só podia, apenas para fazer o processo mais árduo e mais divertido.

Envolta em restos de plástico, ossos, e com as mãozinhas sangrando, cheias de terra, ela dormiu sorrindo, abraçada na mãe. Foi encontrada na manhã seguinte, pelo pai.

Assim que abriu os olhos, abriu junto com eles o maior sorriso que já dera, e viu o homem logo acima dela que, sem tempo, tampou com sua presença o sol de dezembro, enquanto apertava forte demais seu pescoço.

— Foi... o... melhor... presente... do... mundo... pai! — disse, pausadamente, profundamente agradecida. As palavras carcomidas, ausentes de ar, decompostas pela crueldade.

**PAULA FEBBE** sabe o que você esconde e escreve sobre isso. Autora de *Mãos Secas com Apenas Duas Folhas*, *Metástase*, *Cartas no Corredor da Morte* e *Carniça*, a também psicanalista e roteirista premiada é autora do livro *Vantagens que Encontrei na Morte do Meu Pai*, lançado pela DarkSide® Books em 2021.

